

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	\$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—

21.º Anno — XXI Volume — N.º 685

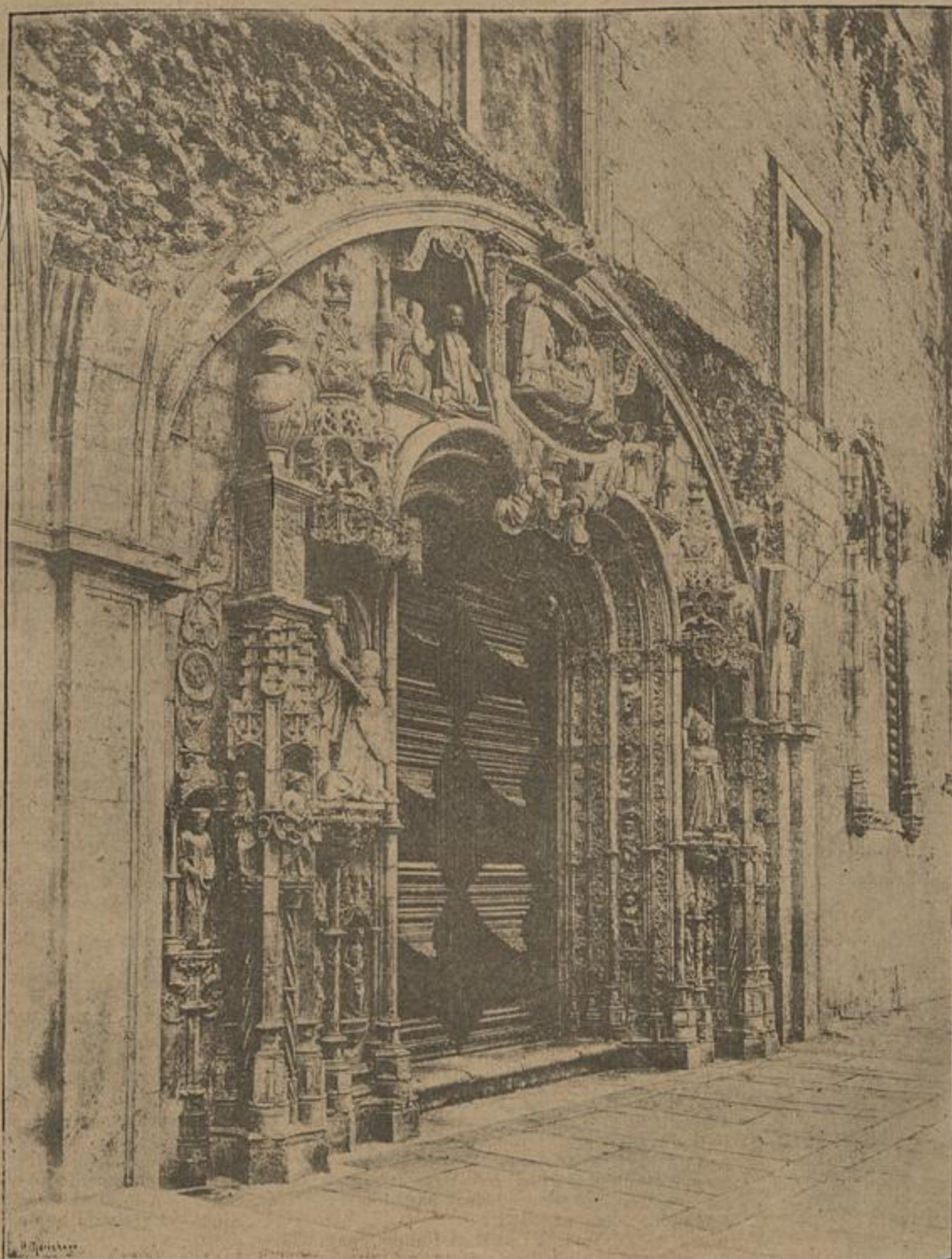
10 DE JANEIRO DE 1898

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

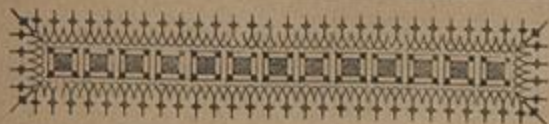
CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA



MOSTEIRO DOS JERONYMOS — PORTA PRINCIPAL DA EGREJA

(Copia de uma photographia do sr. Carlos Relvas)





CHRONICA OCCIDENTAL

Muito alegremente entrámos no anno novo. Um dia lindo o dia de Anno Bom! Quiz o céo partilhar da alegria da terra, e bem haja elle, que, onde ha almas felizes, deve haver sol.

O vento durante mais de quinze dias não quiz sahir dos quadrantes entre sueste e noroeste; mas calaram-se as rajadas do temporal, emmudeceram, ao longe, na barra, os rancos do mar nos areaes do Bugio e, durante o dia inteiro, brilhou, a dar-nos boas festas com seus raios loiros um sol esplendido.

Boas festas, diziam todos com sinceridade, alegres d'aquelle banho morno d'oiro a faiscar.

Apinhadas as lojas todas. Nos mostradores os chromos entre os *bibelots* chamando a attenção das crianças e das mulheres. Junto a loja do Baeta Dias grandes grupos contemplavam um velho venerando, de grandes barbas de algodão, brancas de neve, que meneava a cabeça, cumprimentando. O velho Tempo é uma muito boa pessoa, e, quando elle nos sorri, bom vai elle!

Mais um anno se sumiu na eternidade, um outro alvoreceu n'um céo cheio de estrellas.

Juizos do anno, já não ha quem os saiba fazer, já ninguem sabe dos astros que hão de presidir aos nossos destinos. A sciencia dos velhos astrologos deixaram-a esquecer e o maravilhoso, magias brancas e negras, que, por tempestuosas noites, levava cavalleiros embuçados a cavernas e choupanas mysteriosas e, mais tarde, as bruxas ás fogueiras, é hoje dado a todos discutil-o, a dois tostões por cabeça, na geral d'um circo.

Assim tudo vae mudando. A feiticeira perseguida pelas leis crueis da Inquisição é agora substituida por qualquer conde de pechisbeque apresentando videntes n'um colyseo. Tambem o velho alchimista, procurando o oiro no fundo da retorta, entre grandes in-folios e formulas cabalisticas. no gabinete adornado com sapos, mochos e esqueletos, se transformou no capitalista barrigudo, de lapis em punho, calculando a alta e a baixa dos fundos.

Os annos vão passando e tudo muda, que o velho tempo, com ser tão velho, é mudavel e voluvel como uma criança pequena.

Deu-nos d'esta vez um anno novo formoso. Bem lh'o soubemos pagar. Animaram-se essas ruas e, ao sol tão bom no azul purissimo, os olhos encheram-se de luz, as almas de contentamento.

Enchentes á cunha em todos os theatros e circos. Platéas alegres. Vinham todos dos bons jantares em familia. Saudes, brindes, discursos... percebe-se... uma gota de vinho mais trepadora, e palmas, muitas palmas, gargalhadas!...

Natal, Anno Bom são grandes festas! Quem não conserva na lembrança alguns d'esses dias idos, que tanto se gravam indelevelmente na alma com uma saudade?

Já as acacias começaram a florescer e, d'esta vez, as florinhas amarellas entre as folhas verdes, esguias das dialbatas, tomaram a dianteira aos ramalhetes brancos das amendoeiras precoces.

Como são lindas as flores no inverno, como todas ellas nos falam de esperanças!

Esperanças! Quem nos dê uma luz de esperança, como bem merece de todos nós!

Esperanças! Foram ellas que nos fizeram acclamar Mousinho de Albuquerque, que continúa a ser o heroe do dia.

Depois do jantar do *Turf*, em que o sr Emygdio Navarro pronunciou um eloquentissimo discurso a que Mousinho de Albuquerque respondeu, commovido, brillantemente; a recepção entusiastica, que fez ao heroico major a Camara Municipal de Lisboa, foi uma das mais imponentes manifestações de portuguezes áquelle que soube despertar-nos do lethargo em que nos achavamos e, nas trevas em que viviamos, apontar-nos para o traço fulgentissimo, baixo no horisonte, d'uma nova aurora que vem surgindo.

Um verdadeiro triumpho a viagem de Mousinho de Lisboa até Leiria, sua terra natal. Em todas as villas a mesma recepção cheia de entusiasmo, o povo accumulando-se nas estações para ver a passagem do seu heroe, discursos, em que vibrava despertado o patriotismo, musicas, girandolas de foguetes, todas as formas conhecidas, demonstradoras de alegria!

Isto sim, faz bem á alma!

A gloria de Mousinho reflecte-se sobre toda uma raça. Quando elle, na estação de Torres Ve-

dras, apertou a mão d'aquelle soldado, que tinha ao peito o habito da Torre e Espada ganho nas campanhas d'Africa, foi como se a todos nos dissesse: «Eu não fui só. Minha mãe era uma portugueza, como são portuguezas as vossas. Somos irmãos. A gloria d'um de nós é a gloria de nossa familia»

Agora que, brevemente, vae ser festejado — e Deus queira que com o brilho que é dever — o tri-centenario do descobrimento do caminho das Indias, agora que tantos heroes vão ser cantados em dramas, romances e poesias, retempera a alma lembrarmo-nos que tudo isso não é simplesmente uma triste commemoração funebre.

Portugal remoçou. Acabou por uma vez o velho de longas barbas brancas, fidalgo arruinado, em mãos de agiotas, victima innocente de muita traição, tropego e quasi ridiculo rememorando, impotente, façanhas passadas. Era em todas as revistas d'anno feito por um má actor. Dizia discursos compridos, cheios de reticencias, com a voz fraca pela fome, pela anemia.

Podemos já hoje commemorar sem vergonha a maior gloria de portuguezes.

Ouvi uma vez a um dos homens mais honrados da politica: «A crise não é de dinheiro, a crise é de moralidade.»

Assim é talvez. É preciso portanto um esforço para combater o inimigo que temos dentro de casa. A raça é boa e vae abrindo os olhos. Que os abra de todo. Para o combate não falta sangue rubro, quente, e ainda puro em veias de portuguezes.

Mousinho em Leiria, onde foi beijar a mão de sua avó, uma velhinha centenaria, foi alvo de muito calorosas manifestações no caminho da Sé, no theatro, em todo o percurso desde a estação até sua casa.

Digam se não foram bem merecidas todas essas commoventes ovações, que partiram do fundo das nossas almas. Os que applaudiram Mousinho lembraram-se tambem por certo de todos os seus companheiros de gloria, muitos de nome obscuro, gente do povo, outros com nomes gloriosos de gloriosos avós herdados.

Todos á uma provaram que mereciam esses nomes portuguezes. Quem sabe os dos companheiros de Vasco da Gama, mais que dizimados pelas febres, pelo escorbuto, pelas intemperies do Cabo? Todos vão ser commemorados, que heroes foram elles todos, tamanhos como aquelles que lhes seguiram agora os exemplos, derramando o sangue pelas charnecas assassinas da Africa do Sul. Netos de velhos heroes, heroes como seus avós!

E, porque Mousinho foi o heroe do dia e elle foi quem nos deu ainda as maiores commoções, com tamanho assumpto mais uma vez enchamos as columnas d'esta chronica, que deveria ser escripta em pedaços de céo azul, com penna d'oiro, molhada na luz das estrellas.

Bom anno novo tivemos e cheio de alegria.

No dia seguinte, uma salva de artilheria annunciou-nos a abertura das côrtes. Logo os jornaes de opposição vieram em longos artigos de fundo commentando o discurso da Corôa.

A' noite, recita de gala em S. Carlos. O publico, sujeitando-se á etiqueta, esperou que El-Rei saísse da tribuna para n'um entusiasmo doido fazer uma colossal ovação á Tetraxini.

Não tardarão as primeiras partes do theatro de S. Bento em bater-se com a gentilissima interprete da Cavallaria Rusticana.

Palmas, muitas palmas! Ora Deus queira que afinal não sejam apenas... words... palavras!

João da Camara.

O MOSTEIRO DOS JERONYMOS

O mosteiro de Santa Maria de Belem, está situado na margem direita do Tejo, na praia do Restello, como diziam antigamente; por ter sido doado por el-rei D. Manuel á ordem de S. Jeronymo, lhe chamam — os Jeronymos.

No rio, no magestoso Tejo, em frente d'essa praia, fundeavam as naus, os galeões que partiam para as viagens arriscadas do Ultramar, a rasgar os mysterios do mar tenebroso, ou que chegavam trazendo novas e riquezas, em triumphos incomparaveis.

É um sitio historico na historia da civilização. E n'esse monumento ahi levantado por el-rei D. Manuel agrupam-se as recordações dos grandes feitos, á manifestação artistica, á poesia, e á lenda.

E ainda modernamente quizeram n'um impeto

de poetico patriotismo augmentar o vago lendario; ao lado do tumulo que encerra os ossos de D. Sebastião, *si vera est fama*, collocaram urnas com uns ossos que não são de Vasco da Gama, com outros que não se sabe que sejam de Camões.

Damião de Goes na Chronica de D. Manuel, escreve da ermida fundada pelo infante D. Henrique, e transformada depois no templo grandioso:

«Esta capella se converteu no sumptuoso mosteiro que no mesmo logar fundou el-rei D. Manuel depois que Vasco da Gama tornou da India o que certo é muito de louvar em el-rei, que com não ter mais conquistado da India que saber que se podia ir a ella por mar, foi tanta sua fé em Deus que como se já tivera ajuntados muitos thesouros da conquista d'ella, logo de sua propria fazenda mandou abrir os alicerces ao redor desta capella, sobre os quaes se fez um dos grandes e magnificos edificios de toda a Europa, de que antes que falecesse deixou acabada uma grande parte.

«A egreja deste mosteiro tem duas portas, das quaes a da travessa que está contra a praia é a maior e mais sumptuosa, na qual mandou pôr de pé na columna do meio da porta a imagem do infante D. Henrique, primeiro auctor destas navegações, talhada de vulto em pedra, armado, com cota d'armas, e a espada nua na mão, levantada para riba, do qual modo se figuram todos os reis e principes que em pessoa se acharam em feitos de guerra e nelles foram vencedores. A outra porta é a principal, posto não seja tamanha como a porta travessa, por causa de uma formosa e comprida varanda de pedra talhada, que de sobre ella sae até ao cabo de todos os jardins e edificio deste mosteiro, sob a qual está o dormitorio dos frades. Nesta mandou pôr el-rei a sua imagem, de um lado assentada em joelhos em um sitial, coberto de vestidos roçagantes, e da outra banda, tambem de joelhos, em outro sitial, a rainha D. Maria, sua mulher. Estas duas imagens são talhadas de vulto em pedra lioz, e os rostos ambos tirados assaz bem ao natural.»

É precioso este trecho do bom e illustrado chronista; ficámos sabendo que os retratos estão parrecidos. Essas estatuas, pelo trabalho, indumentaria, joias, etc., são de primeira importancia na série da estatuaría portugueza.

Ainda Damião de Goes nos dá outro elemento para a historia do mosteiro, quando se refere ao passamento de D. Manuel:

«... o levaram ao mosteiro de Belem... o qual elle começou de edificar de novo para sua sepultura, e da rainha D. Maria, sua mulher e de seus filhos, como já fica apontado, e por o corpo da Egreja não ser ainda acabado o lançaram na egreja velha, em uma sepultura rasa, pelo elle assi mandar, donde depois el-rei D. João 3.º, seu filho, fez trasladar seus ossos para a nova.»

A egreja velha estava nos alpendres, como nos testifica D. Antonio Pinheiro, dizendo: «... que emfim era intima saudade de conformar o cabo de sua vida com a entrada de Deus nella; e fosse tão conforme que nascesse Emanuel Deus e homem no alpendre de Belem, e no alpendre de outro Belem estivesse sepultado trinta annos el-rei D. Manuel para se ver que sendo rei se reconhecia por homem caduco e miseravel»

Em 1551 estava já concluido o claustro; mas as obras continuavam ainda.

A rainha D. Catharina, no periodo da plena victoria da arte da renascença classica, esquecida de ha muito a tradição do manuelino, fez demolir a primitiva capella-mór, de esguias frestas de vidraes coloridos e historiados, e ergueu a pesada fabrica que hoje existe para arrumação dos sumptuosos tumulos de marmore.

Siguença, o chronista hespanhol dos frades jeronymos, censura asperamente o gosto dos primeiros trabalhos do mosteiro, e elogia essa nova capella á moda romana. É um escriptor da segunda metade do seculo xvi criticando a arte espontanea, caprichosa, exuberante, do fim do seculo xv e começo do xvi.

Para que esses florões, e folhagens, canaes e resaltos, torcidos e pyramides, animalejos e outros mil *moharrachos* que no sé como se llaman, ni el que los hacia tampoco?

Para os classicos os porticos dos Jeronymos, o das capellas imperfeitas da Batalha, a grande janella de Thomar, eram coisas absurdas, negações de arte, sem vestigio de bom gosto. Certo é que o abafaram de vez; a prodigiosa elaboração artistica que teve phases em tão curta vida, e variantes provinciaes, locaes, por todo esse paiz, mir-

rou se perante a moda romana, a renascença erudita, pautada, cheia de equilíbrio.

Já no claustro o acabamento foi classico com os seus medalhões e bustos régios, marcando bem a epocha de João III. Os restos de Herculano não estão bem ali, me parece; porque elle d'esse período só conheceu cousas condemnaveis, a aurora sinistra da inquisição, as tortuosas, crueis e impolíticas luctas com os judeus: Herculano, o go do severo, estava melhor na Batalha, sob aquella abobada que o enamorou. Assim nos Jeronymos varias epochas estão marcadas, mas a todos os estylos vence o manuelino; nos porticos, nas grandes frestas, nas lavradas e gentilissimas columnas, na sacristia, no claustro, no refeitório, elle floresce, fino, burilado, rindo para a gente, popular, infantil, arrojado, aventureiro e religioso.

Varnhagen, na sua Noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belem (Lisboa, 1842) descreve assim a porta principal: «É formada de um arco revirado ou de volta composta de ta-lões, porém mui abatido. As hobreiras e suas guarnições são mui ornadas, tendo cada uma quatro nichos com anjinhos. Pela parte superior estão dois cherubins de pedra sustentando as armas de Portugal, tendo por cima uma escultura do natalicio de Christo, e mais abaixo uma da Anunciação ao lado esquerdo, vendo-se á direita na mesma altura a Adoração dos Reis. De cada lado da porta, cobertos por lavrados baldaquins, e sobre os capiteis de fustes enroscados entre dois nichos de imagens, vêm-se de joelhos effigiados ao natural e com os competentes vestuários, o rei fundador e sua mulher, D. Maria, viva quando esta porta se fez (falleceu em 7 de março de 1517).

No capitel ou peanha sobre que está o fundador se vê a sua esphera armilar, e no da rainha o escudo bipartido de Portugal e Castella. Seguem-se para cada um dos lados dois botaréos, tendo cada um tres nichos com imagens de santos. Parecem mui baixos, é natural e que fossem cortados e arrematados com os vasos quando ali se fizeram as obras. A cada lado segue mais um nicho com uma figurinha, cercado tudo de bem cinzelados labores que foram partidos na occasião em que se fizeram as obras acima mencionadas.»

É fado antigo das obras em Portugal, pelo que se vê. Em se fazendo obra nova, parte-se a velha. Não se conserva, estraga-se.

Esta porta principal soffreu em varias epochas alterações e emendas. Estão ali umas pilastras de fino lavor que dizem muito bem com as pedras do altar-mór da igreja da Luz, (proximo de Lisboa), e uma figura de mouro agrilhoado, de boa escultura, é a reprodução ou o modelo de certa estatueta esculpida em madeira do cadeirado do singular côro de Santa Cruz de Coimbra, notavel obra de talha toda allusiva aos descobrimentos ultramarinos, ás luctas com os mouros, aos feitos do Oriente.

(Continúa.)

G. Pereira.



AS NOSSAS GRAVURAS

ARCO TRIUMPHAL A MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

Fez no dia 4 do mez corrente dois annos que chegou a Lisboa a grande noticia da prisão do Gungunhana, termo feliz d'uma guerra porfiada. O fremito de louca alegria que então percorreu o paiz magnetizando-o n'um impulso de sentido e vivissimo enthusiasmo, ainda hoje se não extinguiu. E antes, pelo contrario, se avigora com a chegada do heroe, pois, acaba Portugal de lhe prestar as devidas homenagens. Primeiro Lisboa, e depois Torres Vedras Leiria e, por ultimo a cidade do Porto, tem-n'o recebido e rebelo-hão com as mais estrondosas ovações, aclamando-o e festejando-o.

Outro que não fôra o tão bravo valente Mousinho de Albuquerque teria desde muito e logo posto o maior empenho em acompanhar o Gungunhana e os seus prisioneiros a Portugal, qual outro vencedor dos tempos antigos, trazendo amarrado ao carro da victoria os seus captivos de guerra.

Não faltou quem entre os seus admiradores desejasse então vel-o terminar por este lance de

triumpho a sua brilhantissima carreira militar, temendo que um inesperado desastre ou um revez viesse empanar a aureola que lhe circumdrou o nome.

No seu bello relatorio, tão despretencioso como cheio de estranha energia e grandeza, em que Mousinho deu conta ao paiz do seu feito, ainda esta modestia se accentua, e frisa a importancia do caminho a seguir para assegurar no territorio conquistado a dominação effectiva de Portugal.

Bem percebeu o governo portuguez quanto lhe era conveniente que Mousinho levasse até onde entendesse as reivindicações de soberania portugueza.

Depois de se ter revelado um bom administrador no secretariado geral da India e especialmente em Lourenço Marques, o governo de então sabiamente o revestiu das funcções de governador geral da provincia de Moçambique e mais tarde das de commissario regio da mesma provincia, para cujo alto cargo o seu nome glorioso foi acima de tudo uma grandissima recommendação.

Da bondade d'esta escolha teem sido boa e eloquente prova os factos posteriores.

O animoso major Mousinho de Albuquerque não poudo soffrer por muito tempo as insultuosas depredações e investidas dos namarraes, em cujas campanhas de 1896 e 1897, deu brilhantes provas do seu muito valor, como do seu tacto militar, tão decisivo na execução como suggerido por conhecimentos preciosos de tactica guerreira africana.

Rebentava entretanto de novo a revolta em Gaza. Já então estava terminada com feliz successo a guerra dos namarraes. Accorreu alli Mousinho de Albuquerque, e dirigindo a campanha em breve lhe poz termo, com o brilhante combate de Macontene e a prisão do Muguiguana, deixando, e decerto para sempre, bem firmado o prestigio do nome portuguez.

Foi á volta d'esta campanha, que Lourenço Marques recebeu festivamente o vencedor. O commercio, apercibendo-se de quanto lhe eram favoraveis a victoria e a paz d'ella resultante, promoveu a Mousinho d'Albuquerque uma entusiastica recepção.

Representa a nossa estampa de pagina, 5, segundo a photographia enviada por um nosso amigo, o arco triumphal que por essa occasião foi levantado entre a praça 7 de Março e a Avenida Aguiar, que é a que vae dar ao hospital e estrada da Ponta Vermelha, onde estão os quartéis e o palacio do governador geral — commissario regio.

Fique, pois, archivada aqui no OCCIDENTE essa singela memoria de tal recepção, condigna, e cujas razões de bondade cada vez mais se avolumam.

A VICTORIA DE CARLOS MARTEL

A batalha de Guadalete, em 711, foi o ultimo acto politico de Rodrigo, rei dos godos, e o triumpho decisivo dos arabes.

A península iberica não bastava, porém, a contentar a cubiça dos seus novos invasores, que, sem terem levado a effeito a conquista de todo o seu territorio, atravessaram dentro em pouco os montes Pyreneus.

As provincias da França que demoram além da famosa cordilheira, viram cahir sobre os seus campos, como torrente devastadora, a horda dos arabes, que, logo ao principio submetteu a Gallia narboneza. Eram muitos os males causados por estes terriveis inimigos, e por isso houve sempre contra elles forças levantadas.

No anno 728, sendo Abderrahman, emir da Hespanha, resolveu este invadir formalmente a França, augmentando assim os dominios já vastissimos do califa.

A importancia da empreza, requerendo exercito mais numeroso, determinou-o a pedir auxilio de tropas ao emir da Africa.

Não o fez em vão, porquanto em breve lhe foram enviados reforços consideraveis.

Para evitar a sua indisciplina e desmoralisação durante o espaço de tempo que medeasse até elle mesmo tomar o seu commando, ordenou-lhes que marchassem para as fronteiras na cadeia pyrenai-ca, instruindo o general Othman de que desse com ellas principio á lucta.

Devemos dizer, antes de proseguir na nossa narrativa, que era esta a epocha do grande poderio dos perfeitos de palacio no reino dos francos.

Othman não serviu promptamente os desejos do emir hespanhol, de quem parece invejava a

alta posição, e, denunciado a Abderrahman, foi-lhe cortada a cabeça.

Em seguida a semelhante execução, avançaram os arabes sobre as terras de Eudes, duque da Aquitania, cuja filha tinha sido aprisionada e remettida para o harem de Damasco.

Foi devastado o Languedoc, posta a saque a cidade de Arles, tomada e queimada Bordeus, perdida Narbona, n'uma palavra, tudo cedia diante do ardor fanatico dos soldados do alcorão e do seu chefe impetuoso.

Foi em tão extrema conjunctura que o duque Eudes pensou em sollicitar soccorros a Carlos, ex-juiz de Neustria, em cujo throno collocára Thierry IV.

Carlos, não obstante as más relações que os separavam, attendeu ás quasi supplicas do senhor da Aquitania, e, reunindo os seus soldados, dirigiu-se ao encontro dos invasores. A grande acção travada entre os defensores da lei de Christo e os proselytos do propheta da Arabia, teve logar n'uma planicie, entre Tours e Poitiers, cidades por cujos nomes é designada em diversos auctores.

Deixemos agora fallar por nós um escriptor escrupuloso, e seja-nos licito manter-lhe a expressão clara na lingua originaria da sua patria:

«D'une extrémité de la France à l'autre le cri de guerre retentit; de toutes parts des soldats accoururent. Ces vieilles bandes que tant de fois Charles a conduites à la victoire saisissent leurs armes, et pleines de confiance en leur général, elles se préparent au combat comme à un nouveau triomphe. Cependant les arabes s'étaient dirigés vers la cité de Tours; ce fut sous les murs de cette ville qu'Abderrahman apprit qu'une puissante armée se formait pour marcher contre lui. Comme la valeur n'excluait pas en lui la prudence, et qu'il voyait avec peine que ses arabes chargés de richesses et chaque jour plus avides se rendaient, par le soin de les conserver, moins propres à combattre, il fut tenté d'ordonner que tout le butin serait abandonné; mais il craignit d'exciter le mécontentement des troupes; il comptait d'ailleurs sur leur bravoure, sur ses généraux, sur lui-même, et sur sa fortune. Il permit donc que son armée fit le siège de Tours, et il en pressa même les opérations avec tant d'ardeur, que la ville fut prise presque sous les yeux de l'armée ennemie. Les vainqueurs se livrèrent aux plus cruels excès contre les malheureux habitants, et Abderrahman ne fit rien pour l'empêcher. Un revers éclatant devait le punir de cette coupable indifférence, et cette fois du moins la fortune fut juste. Les deux armées se rencontrèrent dans une vaste plaine entre Tours et Poitiers; Abderrahman donna le premier le signal du combat. La victoire, long-temps indécise, se déclara pour les français. Le général arabe fit les plus grands efforts pour rallier ses troupes, qui commençaient de plier; et se précipitant, pour leur donner l'exemple, au milieu des rangs ennemis, il y trouva le terme de ses prospérités et de sa vie. Privés de leur général, les arabes n'opposèrent plus de résistance, et les chrétiens en firent un horrible massacre.»

Tal foi a sanguinolenta batalha em que Carlos adquiriu o appellido de Martel, e onde, se elle tivesse succumbido, haveria talvez desaparecido para longos seculos o effeito salutar da civilisação da cruz.

Corria o anno 732, e as perdas alli soffridas pelos arabes são calculadas de maneira tão differente, que ha quem as eleve ao numero, sem duvida exaggeradissimo, de 300 mil vidas.

Um facto d'esta ordem fez perder a vontade de tirarem a desforra, e posto permanecessem ainda algum tempo restos dos vencidos em região franceza, nunca mais emprehenderam negocio de vulto, sendo finalmente expulsos de todo, por Pepino, filho de Carlos Martel.

Duas vantagens grandissimas reverteram em favor dos christãos, pela teimosia dos arabes persistindo na idéa da conquista gauleza: poderem a sea turno tomar a offensiva, e consolidarem mais fortemente a sua monarchia recente.

Por outro lado, o desprestigio moral que derivou da famosa derrota para as armas dos sarracenos, abatendo a arrogancia d'estes, mostrou eloquentemente aos demais povos da Europa que elles não eram invenciveis.

A partir d'aquelle momento, começou positivamente a declinar para o islamismo a sua estrella de felicidade.

Deu ainda brilhantes dias á Hespanha, e celebres principês á Historia; mas se os successores de Pelagio houvessem seguido sempre um plano de união, certamente não existiriam arabes na península iberica ao assomar na penumbra do tempo o anno de 1492.

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA



MOSTEIRO DOS JERONYMOS — VISTA INTERIOR DA ECLEJA
(Cópia de uma photographia)

A proposito da exorbitancia de certos amantes do excesso, que affirmam terem sido mortos pelas tropas de Carlos Martel, no dia da sua victoria inolvidavel, 375 mil musulmanos, cita Anquetil uma engraçada phrase de Mezeray, que «aquelles que formam tão prodigiosos exercitos sobre o papel, nunca viram tresentos mil homens em batalha».

D. Francisco de Noronha.

O FEMINISMO NA INDUSTRIA PORTUGUEZA ¹

O problema da emancipação feminina — A redempção da mulher está na industria — O que pretende o feminismo — O que a industria já conseguiu — Coherencia industrial e o espirito creador incoherente — A elevação da mulher pela arte — Importancia social da industria.

O seculo XIX tem pendente um problema social dos mais intrincados.

¹ Introducção do livro *O Feminismo na Industria portugueza*, n.º 200 da «Bibliotheca do Povo e das Escolas».

Embora tenha sido em extremo favoravel a causa da mulher, não soube ainda resolver satisfactoriamente ácerca da sua pretendida emancipação.

Grandes são as prerogativas que concedeu a mulher a actual sociedade e d'ahi o seu erro ou o seu abuso, porque permittindo-lhe egualdade de accesso á cultura intellectual do homem, não reparou nem attendeu ás muitas differenças especiaes e geraes, de organismo e de caracter, de espaço e de tempo.

Para que esta igualdade entre os dois sexos se pudesse dar com vantagem, ou, pelo menos, com justa equivalência para a mulher, teria sido necessário que a instrução do homem se detivesse n'um largo interregno.

O conjunto de experiencias e conhecimentos adquiridos e accumulados por successivas gerações de homens nunca poderá ser atingido pela mulher. Vae n'isso um obstaculo quasi palpavel, quasi material.

A emancipação feminina não pôde em absoluto ser conferida pela instrução, porque a cultura mental do homem está tão adiantada que, em regra, a mulher ficará sempre em atrazo, em manifesta inferioridade.

A idéa da emancipação feminina pertence ao grupo das idéas menos viáveis e praticas. E ainda

A redempção da mulher está na Industria. Ainda que ella aspire á instrução, a industria é um estado que lhe ha de servir para o desenvolvimento e apuro das suas faculdades, porque a Sciencia não é outra cousa mais do que a industria applicada á intelligencia.

A Sciencia tem adquirido um caracter de necessaria utilidade, como a Arte se tem feito verdadeira e humana e a Industria bella e artistica. Só a industria pôde conceder á mulher faculdades e direitos de liberdade e independencia.

Só a industria é susceptivel de graduações possíveis a todas as capacidades, e a da mulher diverge profundamente da do homem, como temos occasião de mostrar.

industria lograria exito completo na elevação da mulher, na outhorga dos seus mais delicados preceitos de castidade.

Factos de ordem puramente moral pode effectuar a industria.

O pudor, esse perfume suavissimo que envolve a virgem donzella, esse dom encantador que aureola a fronte candida da joven, é obra da industria.

Na Antiguidade, a habitação humana era commum. Durante longos annos viveram em promiscuidade immoral os paes e os filhos. Até os proprios animaes domesticos dormiam sob aquelle mesmo abrigo.

Vem o discernimento, manifesta-se a industria, e o homem reparte a habitação. Já não é a casa commum, mas sim o compartimento. Os varões



ARCO TRIUMPHAL ERIGIDO A MOUSINHO D'ALBUQUERQUE, EM LOURENÇO MARQUES, POR OCCASIÃO DO SEU REGRESSO DA ULTIMA CAMPANHA DE GAZA

(Cópia de uma photographia enviada ao OCCIDENTE pelo sr. Gustavo A. Pereira)

e muito essencialmente moderna. Ora todas as idéas realisadas ou não, tem sido modernas e, conforme a sua viabilidade, assim levaram maior ou menor espaço de tempo a tornarem-se antigas e a decahir. Quanto menos viáveis são, mais depressa passam a antigas, sendo depois consideradas como velharias anachronicas.

A emancipação da mulher tornou-se uma questão vital e deveras momentosa; mas até por esse seu modernismo é que ella ha de passar como passaram todas as outras do seu genero.

Ora nada ha mais triste para um espirito do que ter ido hoje na onda de uma especie de moda para amanhã cahir n'um esquecimento forçoso, n'uma inutilidade certa e inevitavel.

E, pois, extremamente escabroso o assumpto que desejamos desenvolver. Os melindres, as susceptibilidades e os preconceitos são de toda ordem. Mas, valha-nos um pouco de audacia, e eis-nos aqui propondo uma these

A industria não é homogenea, tem uma escala enorme, ao passo que a instrução é una.

A divisão do trabalho, empregando as mais variadas actividades e aptidões, offerece um exemplo bem suggestivo.

Que pretende a mulher com a sua emancipação?

Subsistir-se, defender-se da miseria, adquirir elementos de vida que a livrem do doloroso sacrificio de entregar a sua mão ao homem a quem não ama.

Não é a alta instrução que dá isto; esta independencia só o exercicio de qualquer ramo de industria a confere.

E não ha que admirar de tal prodigio. Outros elementos de mais superior elevação forneceu a industria á mulher.

Os seus encantos mais puros proveem do trabalho do homem.

Nem o proprio Christianismo sem o auxilio da

a um lado, as mulheres a outro. Por vezes, esta separação attingiu quasi o isolamento.

Nasce a creança e chega a menina n'um recato que lhe dá graças e novos encantos. Desenvolve-se a mulher e já cora de pejo se a surpreendem a vestir-se ou sahindo do banho. Eis o pudor, a obra moral da divisão da casa até então commum.

E, meditemos um pouco, de breve que seja, sobre os requintes de commodidades e de ornamentos que o homem hoje emprega na casa para morar, resaltando bem os cuidados e os desvelos no arranjo da alcova e do toucador reservado ás meninas.

Não é apenas a simples divisoria ou o tabique que separa em quartos um mesmo pavimento. É a parede nascida já desde os fundamentos do predio. A alcova tem então uma porta que se fecha por dentro, um reposteiro que se corre para vedar as correntes de ar, isolando a mulher e auxi-

liando-a no seu natural recato. E, quando dizemos natural, é nosso desejo afirmar que a própria natureza humana se modifica ante a industria como egualmente ella pratica temperando o solo e corrigindo o clima.

Foi ella que originou o pejo feminino, que desenvolveu na mulher o delicado sentimento do pudor, e que passados alguns seculos presta respeitosa homenagem á sua propria creação.

Não deve pois haver a menor duvida em repetir que a industria é a mais bella e elevada faculdade do homem. É até superior ao seu proprio espirito. Não excede — confessemol-o — a razão, mas impõe-se a ella pela sua coherencia.

O homem cria duplamente: pela industria e pelo espirito. As producções da primeira respeitadas elle sempre; mas ás do espirito nega por vezes obediencia.

O homem, creando as religiões, elevou bastante o seu espirito, mas não as respeitando deprimiu muito a faculdade creadora que em si possui.

Não se quer então sujeitar ao que elle mesmo se impoz.

Em vista d'isto dá-nos a industria um exemplo mais nobre do que o espirito humano: cria a faculdade moral, desenvolve-a, aperfeiçoa-a, e, por fim, quando sente o seu imperio, submete-se e respeita-a com estima porque a produziu, porque é obra sua.

E o que acontece com as faculdades, succede egualmente com os productos.

É assim que a industria produz hoje o capital de amanhã, e a elle se submete. As ferramentas de que o trabalho se serve e a que a produção obedece proveem da industria anterior.

Este facto merece notavel reparo, pois mostra a grande ligação que estreita toda a industria e os seus diversissimos ramos que, quaes outras tubas sonoras, dando cada uma a nota especial do seu timbre, concorrem para a harmonia do concerto geral entoado em seu proprio louvor.

A industria fabricou o primitivo machado, primeiramente de sílex, de cobre e de bronze, depois de ferro e por ultimo de aço. Respeitou-lhe a forma e nunca a modificou porque reconheceu não poder excedel-a, o que não succede com as creações do espirito, ainda que no dominio da arte.

O primeiro martello tambem offerece exemplo digno de nota e apreço. Embora constituído pelas mais variadas substancias, pedra, metal ou madeira, teve sempre a mesma forma e o mesmo destino. As suas variantes são bem caracteristicas. A maceta do canteiro, o maço do calceteiro, o camartello do alvenel, são apenas derivados do martello typo — o do britador de pedra.

Ainda o primeiro navio nos affirma o facto que estamos considerando; a sua forma, para a qual se aproveitou a de um tronco d'arvore escavado pelo fogo, não se pôde nunca mudar para outra que apresentasse maior vantagem na navegação.

Uma vez creado o typo, a industria segue esrupulosamente os seus elementos de inalterabilidade, no que muito se distingue.

Escusado será insistir sobre este ponto. Aproveitemos, todavia, o ensejo para examinarmos a industria por outro prisma.

A mulher deve, inquestionavelmente, ao Christianismo a sua regeneração social e a sua elevação á qualidade de companheira querida do homem, e não a de sua escrava submissa como durante muitos seculos fôra considerada.

Porém, aquelle ideal tão radioso de suave perfeição, com o qual a sua fraca natureza de certo modo se transfigura, não foi a religião christã que lh'o offereceu — podemos até affirmar que de alguma maneira ella o tirou — porque, não permitindo ao homem continuar dedicando á formosura da mulher o culto quasi religioso de que fôra sempre objecto, fez diminuir muitissimo essa alta consideração.

Mas, como á Arte e á Sciencia, e com ellas á Industria, eram indispensaveis a formosura e a graça feminina em toda a sua maga seducção, foram ainda o pensar imaginoso e o trabalho do homem que mais exalçaram a mulher. Sem ella não teria a Arte a sua sublimidade, nem a Sciencia e a Industria a sua grandeza.

O culto da formosura feminina, foi pois destruido pelo Christianismo, que outra cousa não originou a prohibição de se lhe tributarem honras publicas e a proscripção das imagens que se pudessem produzir, como sendo contrarias á castidade dos costumes.

Aqui, permitta-se-nos um simples reparo: quantas vezes não seria mais pudica e honesta — como sempre é mais pura — a natureza em si mesma e representada tal como existe? A folha de figueira, a que recorrem os esculptores mediocres e que desperta a attenção, torna-se verdadeiramente irrisoria.

Mas o Christianismo não conseguiu que a Arte deixasse de se inspirar na belleza da mulher e a reproduzisse, conferindo-lhe o titulo de maravilha da Creação.

A Arte é um elemento da Industria, o qual cada vez mais se liga a ella, mostrando a sua compatibilidade, a despeito das idéas ácerca de Arte teem muitos dos nossos criticos, que a imaginam como uma cousa que se não pode palpar e que reside em regiões ethereas.

Ora se não fôsse a industria, o exercicio pleno das faculdades creadoras, o trabalho dos artistas, o velho culto da belleza da mulher, dos encantos e perfeição da plastica, em que tanto se distinguiram os gregos, teria desaparecido completamente.

As deusas da antiga mythologia não apresentariam a nobre significação que se lhes deve dar. Diana não é apenas a deusa da caça, mas sim o typo da belleza casta e candida. A mysteriosa Ceres é a belleza fecunda; a ciosa Juno representa a belleza cheia de majestade e de orgulho; a sabia Minerva indica a belleza grave e seria, e a formosissima Venus é a belleza soberana, a belleza em todo o seu esplendor.

Mas não só d'este modo praticaram os artistas pagãos idealizando typos de belleza que marcam caracteres inconfundiveis. Tambem os pintores christãos, sem serem levados pela profanação, buscaram na mulher as feições mais puras, as suas formas mais suaves, para as darem á Madona e ás santas, collaborando assim pelo seu trabalho na elevação da mulher.

Ainda mais uma vez a industria conferiu ao sexo feminino o devido respeito. A religião nada perdeu; pois viu-se antes auxiliada poderosamente com esta apothese artistica da mulher.

Em quantas imagens de santas se crystallisaram idéas particulares da formosura feminina!

Santa Ignez é a belleza candida e innocente; Santa Helena representa a belleza aristocratica, como Santa Genoveva figura a belleza rustica, campeza. Magdalena é a bella e formosa peccadora arrependida. A Virgem purissima dos Céos é a belleza cheia de graça, a belleza por excellencia, adoravel e modesta.

Modernamente, ainda os artistas elevam a mulher até encarnarem n'ella por allegoria synthetica, as sciencias profundas, as boas artes, as subidas virtudes. A differença é na expressão da physionomia e na serie de attributos que formam o conjuncto.

É uma figura feminina que nos representa a religião humilde e consoladora, a fama vangloriosa e altaneira, a remançosa paz, a cruenta guerra, a meiga innocencia, a desordenada luxuria, a buliçosa alegria, a triste dôr, o soffrimento cruel.

A Industria ainda nos offerece exemplos de muito mais elevada importancia na ordem social.

Nos tempos medievaes, apparece a burguezia, essa nova classe cuja riqueza é hoje o desespero dos socialistas.

Foi a industria que originou a burguezia opulenta, porque ella sahiu do povo humilde, graças á paciente economisação, ao vagaroso crescimento do poupar de cada dia.

O operario ganha um certo salario; se n'uma semana souber deixar de o gastar integralmente, terá na seguinte uma pequena quantia que, com equal esforço economico, dobrará na outra semana, e assim inicia a accumulção.

Ora este accumular, para attingir uma importancia digna de consideração, demanda uma longa vida de economia. E' por esta razão que a riqueza dos burguezes se fez lentamente, em gerações successivas, tendo por vehiculo as heranças.

Nada de mais legitimo, nem de mais ensinador. A burguezia não appareceu de repente; a sua longa elaboração demonstra o facto apontado, porque ella se desenvolveu simultaneamente com a riqueza.

O agrupamento dos artistas e dos operarios em corporações e mesteres auxiliou assazmente a industria e com ella a burguezia.

Temos, assim, parece-nos, enunciado com a clareza que nos foi possivel empregar, a importancia social e a função economica que a industria representou e ha de representar, agora que a chamamos em auxilio da independencia economica da mulher, cuja elevação tanto impulsionou.

E a industria obterá, temos a certeza, mais um justo titulo para a sua gloria.

Esteves Pereira.



OURO ESCONDIDO

NOVELA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

II

(Continuado do numero anterior)

A diplomacia de Joaquim

Que grulhas! que massadores! Não ha ver-nos livres d'elles!

— Eu terei iman? — quando veem, deitam rai-zes; nunca mais se vão... Ha que fazer-lhe o mesmo que aos pequenos, mandal-os embora.

O teu Romulo compreendo eu que venha; aposto que compõe sonetos, quando muito, para fazer rir a gente... é uma creança grande; não estou ainda bem certo de que tenha acabado de crescer, e já vae sendo tempo de acabar... Mas o outro, que vem aqui fazer todo o santo dia, a não ser que venha contemplar-me qual tropheo da sua victoria? Verdade seja que esses dois, não são dois: são um par.

Assim fallava o doutor Roque, devido, em parte, ao sestro de estar sempre descontente, e em parte, para dar-se ares de trocista, o que era o seu forte; a verdade, porém, é que aquelle par de massadores lhe tinham apparecido como se chovêram do céu.

Tinha conseguido o poder agarrar com seu braço invalido o Joaquim e sabia de cór a receita para pôr o desditoso Romulo corado que nem uma lagosta; dos seus novos amigos, fizera uma corte e um publico. Quando se encolerizava, tinha ao alcance da mão duas victimas; e quando sentia vontade de rir, um auditorio benevolo para as suas chalaças.

Os dois amigos aturavam-lhe tudo. Joaquim perdia, de cara alegre, ao dominó, ao xadrez, ás damas, á bisca e aos tres sétes; o doutor Roque gostava de mudar continuamente de jogo, durante o serão, para saborear n'um só triumpho varias docuras.

Algumas vezes, rarissimas comtudo, a vaidade do Joaquim, molestada pela móda do vencedor, levava-o a dar cheque mate ao adversario ou a comer-lhe uma dama; então, porém, escurecia o semblante do doutor Trombeta. Começava por adduzir mil desculpas para explicar a derrota; umas vezes era a má luz que lhe não deixava ver bem o jogo; outras uma palavra de Romulo que viera distrahir o; depois, desesperando de ganhar a partida, encarava torvamente o inimigo ou intrincheirava-se em seus desastres, e boas noites, ninguem mais lhe saccava uma palavra do corpo, até que dizia:

— Meninos, é tarde; já são horas de retirar.

Romulo foi o primeiro que — um dia em que o arroz estava cosido de mais e os espinafres não sabiam a nada — Romulo foi o primeiro em attentar em que, ao sahir do *restaurant*, uma pessoa não pode dizer que jantou, mas apenas que se alimentou.

— Jantar — observou Joaquim — propriamente, significa saborear as delicias da meza, achar-se a gente em boa companhia; comer arroz que não esteja escozinhado, espinafres que saibam a alguma coisa, e temperar tudo isto com bom humor e conversação recreativa.

Motivado por isto, occorreu ao Joaquim uma ideia magnifica: ajustar talher em casa do Trombeta e comer o arroz e os espinafres do doutor, que tinha um excellent cosinheiro.

— Talvez diga que não, — manifestou o Romulo.

— D'isso mesmo me arreceio, ou para melhor dizer, estou seguro. Para se chegar até ao doutor Roque tem-se sempre de passar por baixo de um *não*; mas talvez que apanhando-o em momento propicio...

Aquella noite o Joaquim attrahiu sobre a sua pessoa cheque matte, tres vezes a seguir, submetteu-se a perder ignominiosamente ao dominó e ás damas; recebeu, como verdadeiro estoico, uma saraivada de injurias e de impertinencias; mas no fim de isto tudo, e debaixo da catadupa de chufas do doutor, conseguiu fazer... chegar até elle um gemido que pedia de comer.

O doutor estava de boa maré: disse que sim logo á primeira investida.

Quando regressavam a casa, de braço dado, Romulo perguntou ao amigo:

— Como foi que te arranjustes para lhe estorquies aquelle *sim*?

— Facilmente; colloquei-o em alternativa de escolher entre um *não* mesquinho e um *sim* cheio de grandeza.

— O *sim*, interrompeu Romulo, convencido de ter encontrado o fio de uma das habituaes ideias

communs a ambos,—o *sim* é frequentemente mais generoso e tem mais grandeza que o *não*.

—Frequentemente, não, algumas vezes; ha *sins* e há *nões*.

—Grandes e pequenos.

—Deixa-me fallar.

—Disculpa; deixa-me fallar a mim; occorre-me uma ideia, das taes que se nos varrem facilmente. . . Em geral o *não* dos grandes é pequeno, e o *não* dos pequenos é grande.

—Certissimo! porque, ao dizer-se que *sim* quando se é pequeno, muitas vezes se pecca por fraqueza, enquanto que deixo-o cair de alto parece generosidade. . . Colloquei sobre a cabeça calva do doutor Roque o laurel dos guerreiros.

Os triumphadores romanos diziam sempre que *sim*. A historia assim o demonstra.

—A historia é a mestra da vida — disse finalmente Romulo, e riu-se.

Do dia seguinte em diante os dois amigos passaram a ser comensaes da familia Trombeta.

III

Viagem fatigante através de um periodico

Uma noite, estavam os dois inseparaveis sentados deante do fogão, aos lados do doutor Roque, que tinha os pés assentes na cinza sem conseguir que aquecessem. Joaquim, como de costume, lia o periodico em voz alta, e Romulo, fingindo que escutava, seguia com o rabinho do olho a uma sombra movel, que ia e vinha pelo aposento. Algumas vezes, aproximando-se do lume porque tinha frio ou desviando-se por se ter aquecido sufficientemente, encontrava modo de lhe despedir olhar fugitivo a *ella*, a *ella* mesma, a Tranquilina, depois do que, suspirava profundamente, com a bocca fechada.

Valendo-se d'estas trêtas, deixando sahir os suspiros pelo nariz para que ninguem dêsse por elles, e, sobretudo, sendo sempre o primeiro a dar razão ao senhor Trombeta, conseguia entregar-se á contemplação do seu ideal, dispôr na mente o altar da sua memoria e officiar diante d'elle sem que viessem perturbal-o. Enquanto a sentar-se a par de Tranquilina e a falar-lhe dos devaneios que entre ambos haviam feito, via n'isto uma infinidade de perigos que não existiam realmente, e sentia uma porção de escrúpulos, inúteis em grau superlativo. Se ao menos tivesse meio de inteirar-se do modo porque decorrêra para ella a vida ao lado d'aquelle homem? Teria sido feliz? Quantas dôres lhe haveriam tocado em sorte?

Com que especie de consolações as teria medicado? Que meios empregára para se conservar sempre boa e formosa?

Na cauda d'esta enfiada de desejos, que Romulo manifestava, sem corar, ao seu amigo Joaquim, vinham mais cem que apenas ousava confiar a si proprio. Ter-se-hia ella recordado sempre d'elle? Ou teria, pelo menos, pensado n'elle alguma vez? Ter-lhe-hia ficado no coração uma... a... alguma coisa, em summa, de?...?

Acalentava-o uma esperança; com o andar dos tempos, quem sabe se, em dia não mui distante, conseguiria talvez contemplar aquelle fantasma adorado, sem que o corpo todo lhe tremesse, e vir a ser o confidente respeitoso de Tranquilina.

Porque, bastaria que ella se decidisse a dizer-lhe: «Quer a minha amizade?» e elle sentir-se-hia com forças para renunciar ao seu ideal, para afogar em germen um tardio embrião que se nutria d'aquelle seu amor defuncto.

Sim, compreendia que hoje teria e que amanhã podia ter esse terrível denodo.

Joaquim lia, pois, o periodico; havia atravessado, sem novidade, os bandos carlistas de Hespanha, e o doutor Roque contentava-se com dizer ás grandes potencias que acabassem com elles; lêra os despachos que, segundo o costume, se contradiziam, e valoroso, arremetera com o vespeiro da chronica local.

Aqui, estava o doutor no seu elemento; tinha sempre a proposito uma ironia nova, para declarar que as picardias terrestres todas continuam, porque o Padre Eterno já vae estando caduco.

N'aquelle dia, fora apanhado um rapazinho com as mãos na algibeira do proximo; cahira um velho debaixo das rodas d'um trem: fora tirado do Canal, já sem vida, um individuo que na vespera, ali se precipitára.

O doutor engatilhava sorrizinho amargo e erguia a cabeça para o tecto, como se, d'este modo, aquelle que mora lá em cima visse melhor o conceito em que elle o tinha.

—Bonita façanha! — exclamou por fim — bem bonita! dizer a um rapazito faminto que meta as mãos nas algibeiras de um sujeito assáz repleto

e fazer com que, no mesmo instante, passe um agente da ordem publica ocioso.

Linda empreza, na verdade, e digna de um Deus omnipotente! tornar surdo e doente dos pés um velho e fazel-o sahir de casa, justamente no momento opportuno afim de o arremeçar para debaixo das rodas de um trem: empreza linda, lindissima! E a tal scenasinha do canal, como é habil e engenhosa, verdade seja que se repete a cada passo, mas não cança; agrada sempre. Ah! que trocista que é o Padre Eterno!

As suas iras quotidianas contra o Padre Eterno escondiam uma theoria, uma religião, até; o doutor Trombeta era materialista; não havia ninguem mais materialista do que o doutor Trombeta. Sem embargo, as suas imprecações figuradas não surgiam senão depois de jantar, e quando erguia o punho para o tecto, fazia apenas uma metaphora. Esta necessidade de desabafar a propria impotencia com alguém que fosse omnipotente não prejudicava as suas crenças, tanto mais que elle escrevia sempre *deus* com letra minuscula, unicamente para lhe abater a proa.

Entrementes o doutor Roque expunha os seus commentarios á Chronica Geral, Joaquim, com o periodico cahido sobre as coxas, abanava a cabeça de modo ambíguo, que devia deixal-o em paz com o doutor e com a consciencia; e Romulo, apertando os labios, com a apparencia de quem quer meditar, ia fixando a vista impunemente n'uma sombra que de subito passára, repartida, metade pela parede e metade pelo pavimento, accenando com a cabeça: — a sombra de Tranquilina.

—A Providencia! resmungava o doutor Roque! Bonita Providencia! Providencia lindissima! Perguntem, senhores, áquelle sujeito que o anno passado se atirou de cabeça do alto da Cathedral, e a esse outro que viera de S. Petersburgo, unica e exclusivamente com o fim de se encontrar ali no momento em que lhe cahisse em cima aquelle bôlide! A Providencia de S. Petersburgo arranhou-lhe a mala e a Providencia de Milão foi esperal-o á estação. . . Quando eu já não tiver folego, pelo facto da Providencia ter havido por bem cortar-m'o, se acaso existe o nosso *deus*, terá que me ouvir! . . . e se mandou lançar no registro os meus peccados, direi ao chefe da sua mohina secretaria que também tenho aberto um registro, um registro de pouca importancia e redigido seja como for, como obra de um misero mortal, onde, porém, podem ler-se algumas coisinhas engraçadas. Eu lhe apresentarei as contas do devê e *hade haver*. . . Ora! elle escuta-me lá! anda nas nuvens! nem sequer me ouve! Tranquilina, faz signal ao senhor Romulo para que desça. . .

O senhor Romulo desceu, e ao encontrar-se de improviso em mundo tão baixo, não soube o que havia de dizer, pôz-se como um pimentão e balbuceou que a Providencia. . .

—Casamentos — leu a Providencia do amigo Joaquim.

—Bravo; vamos lá a vêr os casamentos — retorquiu o doutor.

«—Camilo Soave, de 23 annos, solteiro, com Josephina Corsi, de 36, viuva.»

—D'onde terá a cabeça esse senhor Camilo, para ir casar com uma mulher tão madura?

Sahiu barato o motejo ao senhor Camilo, graças a Joaquim, que leu para deante:

«Silvio Gioli, de 80 annos, solteiro, com Serafina Pandi, de 19, donzella. — Simphronio Valli, de 55 annos, solteiro, com Amalia Remoli, de 50, viuva.»

—Viuva e com 50 annos! Com 50 annos e viuva! Ah! tem a Providencia! sempre a mesma! As Amalias todas d'este mundo encontram um Simphronio ou dois com quem casar, e só a minha, que é linda como. . .

—Um anjo — insinuou Romulo.

—Boa como. . .

—O bom melão!

—Ainda melhor! Só ella, que tem talento, imaginação e graça, não o encontra.

Houve um momento de silencio, depois do qual o doutor proseguiu:

—Como tenho gôta, nada posso fazer; mas se eu tivesse as minhas pernas de outr'ora, juro-lhes que depressa desencantaria lá pelo café ou pelo Casino um bom marido para a minha pequena, e quando o tivesse agarrado por um botão e o houvesse trazido a casa, arremessal-o-hia qual molho de trapos aos pés da Amalia, dizendo-lhe: «Pega lá; é coisa tua; não tinha vindo até agora porque é um pateta, mas está arrependido; apaixonou-o, dá com elle em doído, que o merece; obriga-o a dedicar-te sonetos em acrosticos; se não sabe, que se arranje como puder, que procure collaborador, e quando tiver descontado os seus peccados, consente-lhe que case comtigo. . .» As per-

nas, porém, servem-me assaz mal, e o braço direito, nem mal nem bem.

Joaquim suspirou; talvez porque acreditava que o tal braço direito servia ainda perfeitamente.

—Poder-se-hia. . . aventurou-se Romulo a dizer.

—Certamente que se poderia. . . que se pode. . . que se deve poder! Os senhores não são os amigos da casa? Não dedicam um certo carinho á rapariga? Julgam talvez que quando alguém chega á idade dos senhores, e tem alguma amisade a qual-quer menina, é bastante dedicar-lhe um cumprimento, um sorriso e um presentito? Pois não, senhor! O que é preciso é arranjar-lhe marido! Isso é que é!

Nunca os dois tinham visto o doutor Trombeta de tão bom humor! Bastará dizer que ria! Primeiro todos se riram também; depois, o Romulo, meio a brincar, meio a sério, disse:

—É preciso arranjar-lhe marido, e eu já deitei o olho a um.

E o Joaquim accrescentou:

—E eu tenho-o á mão de semear.

(Continúa)

Pin-Sel.

UMA FEITICEIRA DO SEculo PASSADO

Em 2 de julho de 1732 foi condemnada pelo tribunal da Inquisição de Lisboa, D. Paula Thezeza de Miranda e Sotto Mayor, viuva de Pedro Alves Velloso, que foi governador de um forte, natural da cidade de Braga e moradora na referida capital, pelos crimes de feiticaria, crimes que a sentença menciona, segundo confissão feita pela culpada.

N'essa sentença se diz o seguinte:
«Que a ré usára de muitas superstições e invocações ao demonio e feiticarias para atrahir e obrigar vontades em ordem a fins illicitos, esperando do mesmo demonio a favorecesse em suas pretensões e para que certa pessoa houvesse de casar com ella; que fóra procurar a certo lugar uma feiticaria, a qual lhe ensinára certa devoção para por meio d'ella saber se havia ou não de casar com a dita certa pessoa, ou que estado havia de tomar e que para esse effeito lhe dera a feiticaria uns pós para que defumasse a casa, de canto a canto, em cruz, fazendo ao mesmo tempo o sortilegio seguinte:

«Estando um alguidar no meio da casa com agua e deitando-lhe dentro duas cruces feitas de juncos, resando a oração de S. Cypriano, veria na agua do alguidar a dita pessoa com quem pretendia casar, e a veria embrulhada em um roupão de seda».

E para que certa pessoa fosse a sua casa e a tivesse sempre prompta para as suas torpezas, lhe tocára com um bocado de pedra de ara e logo com effeito foi a sua casa: e para o mesmo fim de outras pessoas irem á mesma casa, fazia a seguinte oração, estando ao tempo em que a fazia, com o pé esquerdo descalço, a perna e braço da mesma parte nús, e o cabelo tambem da mesma parte desgrenhado, com a janella e porta abertas e com um prato de sal diante de si, e tomando uma mão cheia do referido sal, chegava á janella e dizia o seguinte:

«Esta mão cheia a venho deitar para N. . . sem tino andar, sem tino andar, sem tino andar, e me venha buscar, e me venha fallar, que venha e não se detenha por Barrabaz, por Satanaz, por Caifaz, e logo, logo e já me venha buscar, me venha amar, e de mim nunca se possa apartar, por amor de Barrabaz, de Satanaz e de Caifaz, estes signaes me hão de dar.

Cães a ladrar,
Bestas a passar,
Gallos a cantar.»

A tal oração trazia-a consigo e dizia, que a quaesquer pessoas fazia ir a sua casa com ella a tombo, e que a pessoa para cujo fim a resasse, não poderia parar senão na presença d'ella. E succedendo achar-se certa pessoa em parte mui distante, fazendo ella a referida oração, essa pessoa estivera para deixar o negocio importante a que fóra, para ir a casa d'ella, o que não succedeu, porque ella vendo que á pessoa de quem se trata

lhe succederia mal, se deixasse a pretensão em que andava empenhada, o atalhára. E indo com effeito d'alli a tempos essa pessoa, ella ré lhe contára o que tinha feito e soubera que elle estivera para vir e que ella tivera dó d'elle e não quizera que viesse.

Que tambem a ré se gabava que sabia outra oração para matar as pessoas que quizesse, oração que era assim concebida:

«Anjos do Céu, justos da terra
Santos fieis de Deus
De além mar, e d'aquem mar,
No monte Olivete os ajuntae
Por Jesus Christo chamae
No seu coração gritae
Por N.

Que não durma, que não coma,
Que se afogue, que se mate e que se enforque
Por tal santo N. . . e por tal santo N. . .
E que seja logo, logo e já.»

Que procurando fazer damno grave a certas pessoas, tomava na mão um ramo de alecrim, quebrava-o, queimava-o e apagava-o com o pé, dizendo as palavras seguintes:

«Romeira parto, não parto
o que parto, e que parto
cerrarão o coração e entranhas de
N. . . .
para que não pare, e me venha fal-
lar,
me venha buscar,
e me não faça mal,
e tudo me dê e tudo me traga.»

E para não ter moscas em casa dizia as palavras seguintes:

«Filhas dos olmos,
Netas dos bugalhos,
eu vos encomendo a 600 mil dia-
bos,
para que azas não tenhaes,
amizade não recebaes
e d'ahi não saiaes.»

E que com effeito na casa não havia moscas.

Mais confes-ára a ré, a respeito da tal pessoa com quem pretendia casar, que a feiteira que consultára sobre o caso e lhe dera os pós para defumar a casa de canto a canto, recitando ao mesmo tempo a oração de S. Cypriano, lhe ensinára que n'essa occasião fizesse o seguinte:

Acendera duas vellas e no meio d'ellas puzera um ourinol quasi cheio de agua e lhe deitára dentro nove palhinhas de esteira e disséra as palavras que a referida feiteira lhe ensinára e no dito ourinol vira uma igreja de um convento de frades e n'ella a tal pessoa com quem pretendia casar, em acção de dizer missa; e que depois soubera que essa pessoa se tinha ordenado com reverendas falsas.

Que a ré fazia umas sortes com cartas de Castella e por ellas dizia e adivinhava algumas cousas, pondo as cartas em carreiras.

Que tambem usava de um bocado de pedra de ara que lhe dava a mencionada feiteira, a qual lhe dissera que não ouvisse missa tendo-a consigo, e a tirasse quando quizesse ir ouvi-la.

(Continua.)

Manuel M. Rodrigues.

NECROLOGIA

ALPHONSE DAUDET

Daudet! Eis um nome que diz tudo. Nome tão adoravel como querido por todos que o lêram e admiraram.

Registemos a sua perda. Cumpramos piedosamente o triste dever.

Poeta de delicadissimo estro, conseguiu elle notabilisar-se, ainda muito novo, mesmo uma creança, com as suas *Amoureuces*. Mas a esta phase da sua juventude, seguiu-se a reviravolta

que o seu engenho disciplinado pela analyse e observação da realidade, lhe fez dar, levando-o para o conto, e do conto para o romance, encontrando n'este, finalmente, o molde em que vasou o seu formosissimo talento.

Inspirado por Balzac, bem depressa se encontrou no mais accesso da tempestade do naturalismo desbragado.

E' então de ver, como elle soube fugir e livrar-se de tão censuraveis excessos. Deixou Zola caminhar desvairado, e quedou-se prudentemente n'uma honrosa linha que o seu espirito finissimo se impoz. Respira-se, por isso, nas suas obras o perfume suave, o grato sabor, da litteratura sã e da linguagem castigada.

A morte de Daudet causou uma dolorosa impressão nos espiritos cultos, e nos que o conheciam bem e a valer uma profunda tristeza, que se mitiga relendo as suas obras, e commentando-as com saudade. Daudet, como Zola o disse algures, recebeu ao nascer todos os dons do espirito, como se em volta do seu berço se houvessem reunido todas as fadas para lhe concederem cada uma de per si uma prenda fina dada pela varinha



ALPHONSE DAUDET

FALLECIDO EM 16 DE DEZEMBRO DE 1897

magica do seu condão. Tambem na occasião da sua morte se deveram achar junto ao leito essas mesmas fadas que lhe inspiraram as suas maravilhosas creações litterarias. Teriam então ellas o rosto banhado em pranto, e a voz chorosa de harmonia indefinivel entrecortada de suspiros.

Mas Emilio Zola não só por esta delicada ficção prestou decidida homenagem ao seu contemporaneo. Chamou-lhe escriptor amavel, sympathico, e declarou que as suas obras teem um extranho cunho de maga seducção.

Ao deixar o mundo, o glorioso creador do *Tartarin* lega-nos uma obra, larga e valiosissima, que lhe marca, entre os melhores escriptores do seu tempo um lugar verdadeiramente distincto.

D'essa obra, por tantos titulos notavel, destacam-se, como joias de primeira grandeza, o *Nababo*, carregado d'ouro e amargurado pela falta d'um affecto sincero; *Jack*, a creança desventurada e misera; *Christiano*, o rei desterrado; a *Evangelista*, com os seus sonhos cosmopolitas e os seus infortunios de aventureira, *Fromont e Risler*, *Numa Roumestan*, o *Immortal*, *Sapho*, os idyllios adoraveis dos *Contes de Lundi*, e a tragedia da *Petite Parvise*.

E' n'esses livros que nos encontramos, a par de outros dotes valiosos e distinctos, uma delicada sensibilidade que nos suggere lagrimas piedosas por aquelles infortunios humanos. Mas nem

sequer, ante as ridicularias sociaes, nos sôam aquellas gargalhadas d'uma brutalidade sem nome, mas sim transparecem os sorrisos d'uma ironia finissima.

Taes dotes foram o triumpho brilhante de Alphonse Daudet; taes dotes o rodearam d'uma atmosphera de sympathia, que o fizeram querido em vida e agora em morte o fazem chorado.



Recebemos e agradecemos:

O feminismo na industria portugueza, por J. M. Esteves Pereira, professor de Historia das Industrias no Instituto 19 de Setembro. Volume 200 da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*. Companhia Nacional Editora, Lisboa, 1897. Na longa serie de volumes publicados da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, é este, sem duvida, um dos mais interessantes pela novidade e do assumpto e pela utilidade que d'elle pôde resultar. E' de boa propaganda este livrinho, no meio de tantas idéas erradas que para ahí pululam sobre a emancipação da mulher.

O sr Esteves Pereira trata muito proficientemente este assumpto, que é uma ramificação dos seus estudos sobre historia das industrias de que o auctor e nosso estimado amigo tem publicado curiosos artigos no *OCCIDENTE*, estudos a que se tem dedicado com verdadeiro amor, e que se nos afiguram dos mais importantes, muito especialmente em o nosso paiz, onde o trabalho nacional anda tão descurado, quando tão capital importancia devia ter, como uma questão de vida ou de morte para esta nacionalidade.

E' por isso que este livrinho nos parece de grande alcance e a sua vulgarisação extremamente util. A's nossas leitoras, principalmente, muito deve interessar a sua leitura e para que não julguem que lhes recommendamos uma leitura arida, tratando-se de trabalho e de industrias, n'outro lugar transcrevemos a introdução do livrinho que é ao mesmo tempo um artigo litterario que dispõe bem o leitor para o resto da obra.

Que o nosso querido amigo e collaborador d'esta revista prosiga na sua propaganda utilitaria é o que desejamos e pelo que o felicitamos.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

AVENTURAS D'UMA NOVIÇA

VERSÃO DE

ESTEVES PEREIRA

Um volume illustrado com uma linda capa impressa a duas cores, 200 réis.

A venda em todas as livrarias e na Empreza do *Ocidente*, largo do Poço Novo — Lisboa.

Almanach illustrado do «Ocidente»

Para 1898

Está a publico este interessante annuario profusamente illustrado e com primorosa collaboração litteraria.

A capa é um lindo chromo representando o «Adamastor». Preço 200 réis, pelo correio 220 réis, cartonado 300 réis.

A venda em todas as livrarias e na Empreza do «Ocidente» — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro. 25 a 39